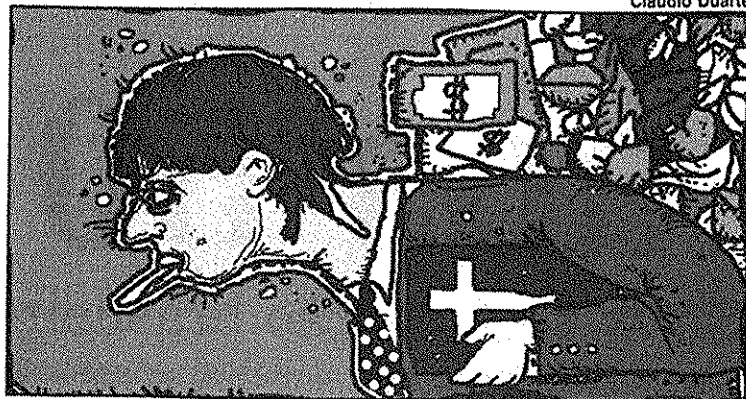


Afonso Romano de Sant'anna

Cláudio Duarte



Índios e crentes

D essas notícias nos jornais, colho duas: a de que os evangélicos estão em rebelião contra a igreja do bispo Edir e a de que os índios guaranis continuam se suicidando, entre outras coisas, porque a pregação dos crentes pentecostais está lhes fundindo a cuca.

Devo lhe dizer que venho de uma formação protestante e que passei a ter uma ojeriza e nojo aos métodos do bispo Edir desde que eu e todo mundo vimos seus funcionários carregando nas costas sacos e sacos de dinheiro amealhado da população durante os cultos no Maracanã. Agora o pastor Caio Fábio, representando 200 entidades evangélicas, vem a público condenar a grande escroqueria espiritual e material que os dirigentes da Igreja Universal do Reino de Deus fazem sobre os mais desvalidos. E está certíssimo, ao dizer em linguagem firme e respeitosa, que isto não tem nada a ver com o Evangelho e que essas "correntes" de doações de dinheiro a que os crentes se submetem são uma chantagem espiritual.

Alguém poderia alegar: "Mas se as pessoas querem ser exploradas e passarem por bobas, o problema é delas."

Talvez não seja assim tão simples. E antes de abordar isto, consideremos o que está acontecendo com os guaranis, lá em Dourados, no Mato Grosso. Ora, assim como sou protestante de formação, anímicamente sou um índio guarani, não houvesse eu por isso, há quase 20 anos, escrito "A grande fala do índio guarani".

Ora, acontece que os guaranis vêm há muito se suicidando. Desde 1985, 183 se mataram. E a situação entre eles piorou desde que fazendeiros mandaram matar o cacique Marçal. Esse eu conheci. Sobre ele já escrevi. Foi nosso maior líder indígena contemporâneo. Sua fala encantou o próprio Papa. Ele jamais se suicidaria. Suicidaram-no, seus inimigos.

Mas sobre os guaranis sobreviventes, diz Virgílio Clemente da Silva, que trabalha na Funai, que os pregadores pentecostais "se aproveitam do misticismo dos guaranis e mostram para eles um Deus que não tem nada a ver com a crença e os valores religiosos dos índios, o que acaba confundindo a cabeça deles. Muitos se matam por isto". A isto se junta a fala de uma índia: "As vezes confundo o que a Bíblia e o pastor me falam com o que os rezadores antigos da nossa tribo nos diziam. No tempo dos rezadores guaranis a vida era mais calma e ninguém tinha medo da vingança divina se cometesse algum pecado".

Da mesma maneira que, falaciosamente, alguém alega que só se deixa extorquir pelo bispo Edir quem quer, também poderá dizer que só vira crente o índio que quer. E se a isso agregar umas palavrinhas sobre "liberdade de credo religioso", então, pode dormir tranqüilo, embora a escroqueria espiritual continue solta por aí e os índios se suicidando lá no interior.

Em 1548, quando os índios descobertos na América causavam espanto, inveja e polê-

mica na Europa, um estudante de 18 anos chamado La Boétie escreveu um texto até hoje fundamental: "Discurso sobre a servidão voluntária".

Trocando em miúdos, as questões que aí surgem são: — Por que as pessoas e os povos se deixam mandar, ser explorados e ser escravizados?

Um dos grandes estudiosos da cultura guarani é Pierre Clastres, que tem pelo menos dois livros em português — "A sociedade contra o estado" e "Arqueologia da violência". É ele quem no segundo livro retoma La Boétie para nos colocar algumas questões perturbadoras. Pois eu digo: é hora de os antropólogos, não só franceses mas brasileiros, tomarem alguma atitude sobre o massacre espiritual e físico a que estão submetidos os guaranis. De igual modo é hora de o estado tomar alguma atitude concreta contra a espoliação econômica que essa Igreja Universal do Reino de Deus está realizando impunemente.

É vergonhoso vermos, às portas do século XXI, repetir-se o que aqui ocorreu há 500 anos: os índios serem contrangidos a entrar para seitas cujo sentido nem entendem. Essa caçada espiritual hoje repete a caçada econômica ao tempo das "entradas e bandeiras". Então, não aprendemos nada? A história continua a se repetir aos nossos olhos e nós achando que estamos apenas assistindo a um filme que não nos diz respeito?

Fico indignadamente pensando se os defensores públicos, sejam os que assim formalmente se apresentam, sejam as organizações que defendem a sociedade civil, não deveriam se articular para defender outros cidadãos que têm a idade cultural dos índios. Não se trata aqui de paternalismo, senão de responsabilidade social e comunitária.

Sintomaticamente, a mitologia dos índios guaranis e a mitologia cristã têm muito em comum. Os primeiros esperam o advento da "terra sem males", os segundos sonham com o céu. Em ambas as crenças a "palavra" é o ente fundador da vida e do universo. É essa a atordoante contradição. A palavra que deveria libertar está sendo servida como elemento desnorteador e perverso, como um agente de estranha servidão.

Uma vez li que os índios da América tiveram várias surpresas desagradáveis com os brancos, além da contaminação de enfermidades e da escravidão. Uma delas foi o fato de que nos acampamentos jesuíticos havia um sino que batia uma meia dúzia de vezes mandando acordar, mandando rezar, mandando comer, mandando trabalhar, mandando dormir etc.. Ter introduzido a idéia de um relógio persecutório infernalizava a cabeça do selvícola. A segunda coisa foi a idéia de um deus à semelhança de Jeová, que pune por tudo e por nada, e que, no caso da igreja do bispo Edir, é capaz de mandar para o inferno o crente que rompe a corrente não da fé, mas da servidão que o aprisiona ao cofre do seu explorador.